

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - São Roque -SP

Nº 90 - Ano XV - Março/Abril - 2007

O informativo que vive driblando o cheque especial



Ut omnes unum sint

Páscoa

Gostaria que a festa de Páscoa trouxesse aos cristãos da nossa atrapalhada sociedade a mesma e única esperança que a Ressurreição trouxe aos apóstolos e amigos de Cristo naquela época:



- *esperança de vida nova, que significa ausência de amargura;*
- *esperança de felicidade, que manifesta ausência de guerra, de violência, de fabricação e venda de armas;*
- *esperança de muito amor, que revela a expulsão do ódio e do egoísmo;*
- *esperança de libertação, que exprime o fim da dominação, da injustiça, da exploração;*
- *esperança de uma existência mais humana e digna, que pressupõe a queda da ganância de uns poucos que prejudicam milhões de seres humanos.*

Entretanto, essa esperança deixará de ser apenas esperança, para transformar-se em realidade, quando cada cristão e cada pessoa convencer-se de que é necessário partir para a luta, com entusiasmo e sem desânimo, nunca se esquecendo de que, se Cristo não tivesse ressuscitado, nossa fé seria uma estupidez, assim como seria uma estupidez todo nosso esforço na construção de um mundo novo, de uma sociedade feliz e bem melhor!

Boa Páscoa prá todos!
ATTÍLIO BRUNACCI (49/55)

Ludopédio em Itatiba



Eis que novamente o casal amigo, Rovirso Boldo (64/69) e Oksana

Dziura, oferece-nos as delícias e o conforto de seu paraíso em Itatiba. Futebol, churrasco e efusivo convívio fraternal de todos os membros da *Turma do Ibaté*. Será no dia **14 de abril** próximo, um sábado, a partir das 09:00 horas. Legal! Se você nunca apareceu por lá, não é agora que vai perder, de novo, esta oportunidade!?! Sempre um dia de sol, os amigos ali, a tranquilidade de horas inesquecíveis, distante dos flagelos do cotidiano. Um oásis no deserto desta perversa correria. Você pode vir acompanhado, e cada um levará a munição de alimentos e bebidas que for consumir. Chuteiras, sim, as chuteiras: o campo é gramado. Além de tudo,

despesas podem ser deduzidas de seu Imposto de Renda! Maiô, biquíni e short: há uma bela piscina. Tudo isso é encontrado no Condomínio Itaambu, (informações: 9804.7558). Na altura de Jundiá, indo pela Ród. Bandeirantes ou Anhangüera, procure sinalizações para Itatiba. Você deverá atravessar esta cidade, indo em direção a Bragança Paulista. Após passar sob o viaduto, que é a Rod. D. Pedro I, ande mais uns 3 km, e entre à esquerda (há sistema adequado de retorno pela pista esquerda) tão logo aviste um posto de gasolina. Atenção: a referência ali é o *Shopping Moenda*. Desça uma estradinha asfaltada, de 2 KM, até o condomínio. Maiores informações e confirmações, ligar para: *Acácio* (Zezo) coml. (11) 3104.3142 - *Fausto* coml. (11) 4141.3874 - *Mosca* res. (à noite) (11) 3864.8852- *Rovirso* res. (11) 3906.0283. Recomendamos que o amigo Fausto Fortes, desta vez, tome um táxi. Lembramos também os caros leitores que ludopédio, ou futebol, é um esporte cujo objetivo nada mais é que fazer entrar uma bola redonda no gol do adversário.

NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA...

A. J. CHIAVEGATO(*)



Em manhã de um domingo de Páscoa, ao acordar, olhei-me no espelho e surpreso vi um velho que não conhecia. Nunca o vira, mas não podia dizer que me fosse estranho. Lembrava-me alguém. Um parente, um tio, meu avô, talvez... Não sei. E o velho me olhava com certa pena, uma vaga tristeza. Pobre velho, pensei. Esses olhos empapuçados, essa pele vincada ao lado do nariz que a pouco e pouco se adunca, essa boca em circunflexo ou em meia lua invertida e esse olhar cansado que não mais consegue enxergar longe. Antigamente, diante de si, superpunham-se horizontes a não ter fim. Hoje, cai o céu logo ali e se esvai nas tardes ao sol que se põe. Quando lhe dizem que o melhor da festa é esperar por ela, pergunta: "Que festa?" Não é que não saiba mais de festa. O que lhe foge é o significado da espera. Só peço a Deus que quando chegar minha hora de ser velho, não seja como o do espelho e que ao nele me olhar, possa ver um velho sorrindo, olhos cansados, sim, mas brilhantes que aprenderam a ver nas brumas da tarde.

Deixei o velho no espelho e lavado e barbeado saí para a missa. A manhã amanhecera a rigor, translúcida de sol e de silêncio e um friozinho remoto que me pôs saudade das procissões do encontro da minha infância, em que a Virgem das Dores, ainda em luto de sexta-feira santa, vestido roxo e coração transpassado de espadas (seis, que uma se havia perdido, ou por devoto roubada) encontrava-se com Cristo ressuscitado para alegria dela e de todos nós. Ao encontro, eu olhava para ela com meu olharzinho inquieto, conjugado a ameaço de sorriso de quem espera a cara de felicidade que iria fazer e a ver apagar-se a dor no fundo olhar de olheiras e na boca semi-aberta de sufocante desespero. Mas, para minha decepção, nada acontecia. E lá se iam as encontradas procissões rumo à igreja e ao lado do filho ressurgido, a Senhora das Dores, o mesmo olhar perdido no vazio do céu e as lágrimas a meia-face paradas. Confundia-me essa imutabilidade da dor, só um pouco que já se habituava meu coração de sete anos aos mistérios da religião e da vida. Eu já pensava com o coração, naquele tempo.

Mas, voltemos à manhã, indo eu à missa das dez na igreja da PUC, pela ruas quase desertas de São Paulo das Perdizes, com boa parte de seu povo dormindo e o resto, na praia.

Cheguei à igreja e aos poucos foi tomada e logo podia contemplar à minha frente um manto de cabeças brancas. Olhei por toda parte procurando o velho do espelho. Não estava. E me veio lembrança das missas de domingo de meu tempo de criança que se enchiam

de famílias, velhos e velhas, pais e mães, moços e moças e crianças, muitas, lá na frente sentadas com seus uniformes brancos, as meninas de boinas e fitas amarelas da Cruzada Eucarística. E lá entrava pavoneando o Padre Mariano antecedido por um bando de coroinhas, quinze, por baixo, (não vou escrever bando irrequieto porque é lugar comum, mas que era, era) a não caber no altar, eu no meio. Vestíamos uma batinhinha branca e a sobrepeliz era de filó igualmente branco. Esvoaçava-se.

E começou a missa dos velhos com a piedade em picos de lobo. Vieram as leituras e a homilia. Esforçome por captar alguma coisa. Sermão difuso e pouco didático, quer dizer, sem muita διδακ. Aqui e ali, algo aproveitável, especialmente a consideração de que Jesus ressuscitou, verbo no passado, ação, por ele significada, ainda perdurando, tudo segundo a língua grega que em sua exatidão pré-cartesiana tem para isso um tempo apropriado, aoristo, quanto me consta. Mais algo interessante e só, seguindo-se a missa sem grande coisa a se registrar, a não ser o Pai Nosso. Comoventes a concentração e a piedade dos velhos, mãos dadas, a meia altura os braços erguidos, cabeças e ombros levemente arqueados, figurando-me um grande bando de passarinhos preste a levantar vô. Lembrei-me de Guimarães Rosa: "Passarinho que se debruça - o vô já está pronto".

Desarmado o vô dos velhos, veio o abraço, a comunhão e o Deo Gratias. E a missa acabou.

Devagar voltei para casa. A manhã era a mesma. Eu, um tanto diferente, algo novo dentro de mim, uma certa ternura triste, a um tempo saudade e esperança, como os discípulos de Emaús, pensando, repensando, conferindo tudo e comigo conversando sobre os últimos acontecimentos que vivera naquela manhã. Às tantas, um desconhecido chegou-se a mim e comigo fez caminho. Senti arder-me o coração e ao chegar em casa convidei-o a entrar: "Fica comigo que se faz tarde!" Entrou e com minha família partiu o pão. E bem ali junto a todos, com o rosto transfigurado por uma desconhecida esperança, estava o velho do espelho.

(*) **AUGUSTO JOSÉ CHIAVEGATO**, 71, Ex.aluno do Seminário do Ipiranga 54/57 – Jornalista, filósofo, teólogo. Por muitos anos, lecionou no Seminário Central e na Puc-SP. Hoje está aposentado e mora em S.Paulo. (11) 3873.1115 augustochavegato@globocom

UM OUTRO PAI NOSSO

XIXA - 1963/69*

- Pai !!! Paiêê!!! Tem um “tal” de Carlos Corrêa no telefone, disse minha filha mais nova, Isabel. No trajeto do quintal para a sala, fui fazendo um levantamento na minha memória de quem poderia ser e, sinceramente, não me lembrei de ninguém com esse nome.

- Alô, pois, não.

Bem, a partir daí, o Antônio Carlos Corrêa, se apresentou como meu colega de São Roque, dizendo que entrou em 64, que fui seu veterano etc.

- Meu apelido era “Careca”, disse.

Por instantes, então, fiz aquela volta ao passado, sempre prazerosa, mas, nalguma medida um pouco angustiante, pois os fatos por mim ali vividos tinham indeléveis marcas de amor e de dor. O tal “Careca” falava, falava, deu uma volta muito grande e, depois, fez o convite/intimação:

- Eu vi um discurso seu de dez atrás, no qual você fez referências ao Mons. João Kulay; estamos nos lembrando dos 30 anos da morte dele e será que você poderia escrever alguma coisa?

Ainda que pego de surpresa, não vacilei, aceitei na hora, apesar do frio no estômago, da forte emoção, da saudade e, sem dúvida, da responsabilidade. Por quê? Bem, eu conheci o Mons. João Kulay pouco antes da morte de meu pai; tinha tido uma trombose e vim visitá-lo no Hosp. do Servidor Público, em S.Paulo, mas, pouco tempo depois, veio a falecer e voltei para o enterro. Era um sofrimento muito grande para meus 12 anos, uma tristeza profunda da qual não me dei conta no momento, mas cuja superação só poderia ocorrer com a ajuda de Deus e das pessoas que ele pôs em meu caminho. E, sem dúvida, Mons.Kulay foi uma delas! Bem, não sei como, o fato é que fui parar na Cúria, que ainda era na Pça.Clóvis Bevilacqua, e lá fiquei conhecendo Mons. Kulay, que, no final, me deu uma carona para o Seminário.

A viagem foi um passeio bonito, pois a gente só ia para S.Roque pelo trem da Sorocabana e, assim, de carro, um “DKW”, era emocionante para um menino triste e perdido naquele torvelinho de acontecimentos. Ele puxou conversa, tentando alegrar-me etc. Todavia, as coisas não estavam fáceis. Para mim, já com dois anos e meio de Seminário, a figura do Mons.Kulay era um pouco, no mínimo, estranha.

Ficávamos naquela sala grande, com várias séries agrupadas, o “Estudão”, exatamente em cima do laboratório, onde havia aquela caveira, coisas guardadas em formol, objetos estranhos etc, reduto dos colegas mais velhos, “homens feitos”, nós ainda moleques, tudo aquilo era meio insondável e complicado. Evidentemente, o “responsável”, Mons.Kulay, com sua singular calva, definitivamente não era uma figura popular entre os mais novos, como eram os Pes.Furlanetto, Sinésio, Ricardo, Luiz Gonzaga Camargo, Getúlio Vieira, José Seskevicius e Jair, por exemplo, que estavam conosco dia e noite.

A partir de 1966, talvez, Mons.Kulay, que, antes, só estava em S.Roque dois ou três dias, passou a morar no Seminário e a aproximação com todos foi mais fácil, rápida e contagiante, principalmente com minha turma (Zezo, Almeida, Brunelli, Pirão, Gilberto Gomes, Fernando Berkholtz, Geraldo Abreu, Vígão, Gallana, Luiz Roberto, Piva e os irmãos, Neolir e Sérgio Montini). Afinal, Mons.Kulay foi nosso paraninfo do ginásio e passou a nos cativar e a encantar. Como ele fez isso? Principalmente, com seu “profissionalismo” (sei que não é a palavra mais indicada), mas quero dizer, com a exteriorização de seu ministério sacerdotal, sua dedicação como professor do seminário, como amigo e como conselheiro e, ainda, como algodão entre cristais, amenizando posturas mais radicais de outros dirigentes etc.

Seu modo austero, circunspecto, sutil na cobrança das obrigações de qualquer aluno, era entremeado com um sorriso largo, afetuoso, uma brincadeira, a insistência no apelido (“xixa”, evolução de lingüiça e salsicha), um ou outro convite para jogos de futebol que passavam na “Televisão Tupi”, para jogar snooker e para fumar um cigarrinho “mistura fina”...

Não me lembro de tê-lo visto com raiva, gritando, esbravejando; pelo contrário, sempre sereno, dedicado, metódico, cuidando das suas avencas e de tudo que se referia à física, química, biologia, enfim, à vida, à obra do Criador. Era um sábio, porque só falava (e com compaixão) depois de muito observar, ver, ouvir, sentir e perscrutar. E, sempre, não se esquecia de invocar os exemplos da Mãe de Deus.

Tempos depois, já fora do Seminário, cheguei a visitá-lo e, afinal, alguém me contou de sua morte. Pude comparecer à missa de sétimo dia lá na Igreja de Sta.Generosa. Chorei, lá no fundo da igreja, baixinho, coisa muito difícil.

A lembrança dele é serena e confortante; traz segurança, traz alegria, traz seriedade, dedicação, força de vontade, constância e superação, enfim, amor aos semelhantes e a Deus. Afinal, Mons. Kulay rima com Pai!!!



JOÃO KULAY, MONS. - De ascendência húngara, nasceu no bairro da Mooca, S.Paulo, em 17.09.1903. Foi aluno no Seminário de Pirapora, de 1919 a 1923. Filosofia e Teologia, estudou no Seminário Provincial de S.Paulo, na Av. Tiradentes e na Freguesia do Ó, vindo a ordenar-se em 19.08.1930. Formidável professor de Química, Física, Matemática e Ciências Naturais no Seminário de S. Roque, de 1951, a 1969, por seu elevado espírito científico, grande competência e capacidade didática. Criador daqueles magníficos laboratórios de Física e Química e do tão rico museu geológico. Máquinas e instrumentos de Física, numismática, Astronomia, filatelia, plantas – grande sua paixão pelas avencas! – pássaros, fotografia... eis algumas de suas extraordinárias especialidades, por meio das quais conseguiu humanizar tantas gerações, engenderando, dessa forma, inúmeros discípulos e admiradores. Por seguidos anos, foi responsável pelo Arquivo da Cúria de S.Paulo. Faleceu em S.Paulo em 05.05.1977, ocasião em que, aos 73 anos, atuava como auxiliar da Paróquia Santa Generosa, sob os cuidados do Cônego José Mayer Payne - O artigo do colega Salsicha é uma homenagem à memória deste notável homem, exemplo de piedade, sabedoria, humildade e discrição, respeitado e amado por todos que com ele conviveram, no aniversário dos 30 anos de seu falecimento.



(*) JOSÉ PEDRO DE CAMARGO RODRIGUES DE SOUZA (Lingüiça/Xixa), 54, é juiz do trabalho em Campinas-SP jpcamargo@trt15.gov.br



São Paulo já tem seu novo Arcebispo,



um gaúcho de Cerro Largo, onde nasceu em 21.09.1949. Seus estudos começaram em 1963 no Seminário São José, de Curitiba, vindo a ordenar-se presbítero em 1976. O Mestrado e Doutorado foram feitos na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Logo após receber o episcopado em Toledo-PR, em fevereiro de 2002 - seu lema é **In Meam Commemorationem** - tornou-se Bispo Auxiliar de São Paulo.

D. ODILO PEDRO SCHERER, atual Secretário Geral da CNBB, recebeu sua nomeação em 21 de março passado. A ele nossos votos de felicidades e de pleno êxito no cumprimento da elevada missão inerente a seu novo cargo. Ad multos annos!!

Lá vem o Papa - Lá vem o Papa. Aliás, será o



Papa ou o ranzinza Ratzinger? Os teólogos de vanguarda da Europa ainda não se acostumaram a reconhecê-lo como Papa. Principalmente após a cassação de Jon Sobrino. De qualquer maneira, ele chegará ao Brasil no dia 9 de maio, se os controladores de vôo deixarem. Dizem que o bordão de acolhida, em vez de "A bênção, João de Deus", será "Benedictus qui venit in nomine

Domini. Benedictus! Benedictus! Benedictus!" E a segurança será feita pela Guarda Suíça dos Arautos do Evangelho, devidamente paramentados e embandeirados, que exigirá a certidão de casamento religioso (um só!) para deixar entrar no Campo de Marte para a canonização de Frei Galvão. No dia 13 de maio, fará a abertura da V Conferência da Celam, em Aparecida, recomendando que não se repita a politização religiosa de Puebla, Medellín e Santo Domingo. No mesmo dia 13, retornará ao Vaticano, se os controladores deixarem, com o projeto de convocação do Concílio de Trento II. Benedictus! Benedictus! Benedictus!. **Pe. Otto Dana (54/58) - Rio Claro-SP - otto.dana@vivax.com.br**

Diácono Permanente - Francisco Pereira



Monteiro conheceu muito bem o Seminário de São Roque, não como aluno, mas como visitante de seu irmão, o **Luciano Pereira Monteiro (66/67)**, mais conhecido como *Locutor*, pois, como muitos podem se lembrar, ele costumava irradiar nossas prodigiosas partidas de futebol. Mas o Francisco não era um visitante comum, pelo contrário, ele simplesmente amava tudo aquilo e sentia-se verdadeiramente em

casa. Assíduo devorador de nosso *Echus*, ele afirma que mais conhece a nós, *Turma do Ibaté*, do que a ele mesmo; sente-se como um irmão, participante da mesma

caminhada e cultivador dos mesmos valores, tendo muito desejado passar pela mesma experiência. Mas a vida dá muitas voltas e tudo tem sua hora, e o Francisco, vocacionado que é, sentiu-se chamado à realização de um trabalho, como diz, *nesta fervilhante luta para a implantação do Reino*. Em função de sua trajetória, que guarda forte semelhança com os levitas do Ibaté, foi revestido do sacramento da Ordem, no primeiro grau de Diaconato, em 10 de fevereiro último, na Catedral Metropolitana de São Paulo. Aceite, Francisco, nossos melhores votos para a boa realização de sua missão e sintá-se, mais ainda, aceite em nossa comunidade, como irmão que é, e saiba da imensa alegria em tê-lo em nossa companhia.

Encyclopaedia Ibatheana - Idéia do Zaqueu

(Antônio Carlos Marques-60/65), é o que procuramos colocar em prática, ao reunirmos o maior número possível das expressões utilizadas em nossa vida de Seminário. Um grande conjunto de verbetes, com suas mais variadas definições. Será a nossa "Encyclopaedia". Muitas deles, sabemos, migraram de outros seminários, especialmente Pirapora e Ipiranga. Agradecemos antecipadamente as colaborações de nossos leitores, seja por carta ou por via virtual, sendo que, periodicamente, serão publicados neste informativo, dando prosseguimento à prática de edições anteriores.

Amicus certus in re incerta cernitur - E

como vai o estado de saúde de nossos amigos? Trazemos aqui algumas notícias: Em primeiro lugar, **ANTÔNIO JURANDYR AMADI 51/57 (11-4592.1177)**. Por uma bobaginha, este poeta fraturou uma de suas pernas em 10 de fevereiro último. Foi muito bem socorrido, graças a Deus, passou por uma cirurgia e agora está em convalescença. Faz alguns dias que começou a dar alguns passinhos, os primeiros deste novo homem que ressurge, bem devagarzinho e com apoio. Manda um grande abraço a todos e pede suas orações para o bom encaminhamento de inesperados e desagradáveis problemas urológicos desencadeados a partir daquele acidente. **CLÓVIS BARONI 54/58 (11-3439.3881)** já está bem melhor, submetendo-se a 3 hemodíálises por semana. Com esta experiência, acha que deve alterar seu próprio nome para *Renato*. Sua vida mudou. Serelepe como é, não suportou tanto repouso em sua casa e já está de volta ao "repouso" de seu trabalho na Prefeitura de Santo André, não vendo a hora de chegar o dia 25 de agosto, data de nosso oitavo encontro. **D. JOSÉ MARIA PINHEIRO 51/57 (11-4032.7414)** já atingiu um estado geral próximo à perfeição. Após a safena de 01.12, flagrou-se em plena Transamazônica, em fevereiro, empurrando o carro enguiçado de um amigo. Depois, tendo-lhe sido recomendado subir apenas 3 degraus de qualquer escada, subiu nada mais que 70, em seu último passeio à "estância turística" da Rocinha, no Rio de Janeiro. Tomando conhecimento destas práticas, seu médico suspendeu o uso de inúmeros medicamentos, considerando-o habilitado a viver conosco por pelo menos mais 50 anos. Ó Deus, ajudai-os a carregar sua cruz com coragem!

POR ONDE ANDARÁ ?!?

Hermes Pimenta Werneck Machado



- 1955/59 - Não se sabe bem o porquê, mas, *in illo tempore*, acharam-no muito parecido com a personagem de um filme levado lá no cine São José, no centro de São Roque. E o apelido pegou. Ele é o Monstro do Mar do Ibaté. Só que de monstro ele não tem nada, muito menos de mar, esse mineiro! É, sim, um homem pacífico e refinado, muito prestigiado na cidade onde vive e nasceu, Diamantina. Ainda usava calças

curtas quando intuiu que o caminho de sua vida era ser padre, porém, o seminário mineiro não dispunha de vagas, já estava abarrotado de meninos. O que fazer então? Sua sorte foi que por ali passava o Pe. João Maria César de Resende numa de suas fecundas jornadas, garimpeiro espiritual, caçador de diamantes. Como muitos sabem, o Pe. Resende, homem abnegado e piedoso, foi nosso professor de Português no início dos tempos. Além de suas excepcionais e contagiantes virtudes - o mais aliciante estímulo para que os meninos e jovens desejassem o Altar e o Santuário -, atento ao desideratum do Santo Padre, ainda se dava o trabalho de sair por esse mundão afora, mormente pelas Minas Gerais, em visita a capelas, freguesias e paróquias, atrás de novas sementes. Pelos resultados que apresentava, atribuiu-se-lhe o merecido título de *o maior arrebanhador de meninos na história do Seminário*. Então, foi assim, por essa bateia, que o Hermes matriculou-se em seu primeiro seminário, Aparecida, 1953. Lá ele fez o preparatório e o admissão, mas logo depois, 1955, tornou-se um ibateano. Tempos de Mons. Luiz Gonzaga de Almeida... Pe. Paschoal Amato; trabalho sério e muitas saudades. Em 1960, retorna a Aparecida, para o Filosofia; é quando seu itinerário passa por grandes transformações e ele transpõe outro umbral de sua existência, resolve sair. Contudo, como tantos colegas nossos, ele adorou ter sido aluno do Ibaté, conjuntura favorável para o aperfeiçoamento de sua religiosidade - adepto fervoroso até os dias de hoje -, para a curiosidade e prazer da leitura e dos bons estudos e mais, um substancial exercício para a vida em comunidade. Até hoje, ainda sente muitas saudades da banda do *Juca Bolinha*, que vinha para as festas especiais, *homem talentoso, de quívodo perfeito... se alguém desafinava, ele ia direto ver-se com o infrator, sempre com muito bom humor*. Orgulhosamente tocava trompeta ao lado dos não menos queridos Joedy Sampaio e do próprio Pe. Exedito, o maestro oficial da Santa Cecília. Gostava, enfim, e participava de tudo, até de futebol e vôlei, mesmo que não se considerasse *aquela* atleta. Teatro,

julgava-o latifúndio para os grandes *feras*, os consagrados José Moreira, Paulo Acácio, Alberto Pimenta Jr, Waldemar Waldyr, pessoal de seu tempo, mas mesmo sendo um pouco retraído, especializou-se no *ponto*, trabalho para o qual sempre foi muito requisitado. Grêmio Literário... também aproveitou-o bem, enfrentando com galhardia os demônios de sua timidez. Em síntese, no conjunto dessas experiências, teve ali sua principal iniciação para o mundo que lhe viria à frente, posto que pôde desenvolver e treinar-se nas várias qualidades necessárias para a atividade que exerceria desde sua saída até os dias de hoje: o magistério. Diplomado em Direito e Letras, em certa altura, teve que optar: aulas de Latim e do *rude e doloroso idioma* Português, tal a atividade escolhida. Apenas no papel, pendurou as chuteiras, dezembro de 2005, pois o jogo, para ele, segue em frente, na escola, seu verdadeiro *habitat*. Daí que a primeira e a última flor do Lácio são-lhe ininterruptas paixões, a tempo integral, além da família, seu ancoradouro e tabernáculo, pois aos 37 anos casou-se. Pensa ter sido muito tardiamente, "37!", mas não se arrepende; foi por amor. Quatro rebentos, seu júbilo. Todos hoje universitários que aos poucos transformam aquele lar em um ninho vazio, inevitável circunstância que encara com respeitável serenidade. Mas um grave acontecimento abalou todas as estruturas: um duro trauma causou limitações a uma de suas filhas. Após muito sofrimento, o episódio e as conseqüências foram deixados para trás, pois a moça, guerreira, é hoje estudante de Fonoaudiologia em Belo Horizonte, com boa saúde e vivendo com independência e autonomia. Todavia, olhando para si mesmo, o Hermes se vê como um homem de muita sorte. Problemas, sempre os há. Luta. Enfrenta. Supera. Sua saúde hoje, com seus 67, anda estável, pois que recentemente tenha enfrentado difíceis momentos. Fé na vida, confiança e muita gratidão. Valoriza bastante e nada tem de que se queixar quanto a sua passagem pelo Ibaté; apenas a agradecer, uma vez que chegou onde está e é o que é devido aos ensinamentos de seu pai e à vida no seminário. É da opinião de que certamente há pessoas que não se interessam pelo tempo que passou, mas ele gosta, sim, gosta de manter contato com o pessoal dos tempos de seminário - ainda cultiva muitas amizades -, não por ingênuo saudosismo, mas pelo forte elo de fraternidade e pelo elevado nível qualitativo dessas pessoas, *inesquecíveis amigos*, embora distantes de seu cotidiano. Admira a ligação atual dos ex-alunos de São Roque; ela cria circunstâncias e experiências que devem ser, não evitadas, salienta, mas somadas a nossa existência e sempre presentes em nossa consciência, pois evocam o sentimento de fraternidade, que é muito importante para a completude de nossa vida. Por isso, esta fraternidade, ela deve perdurar, não podendo ser negada ou vista como algo sem qualquer importância e do passado. Ela é viva e deve ser regada sempre.

RES.(38) 3531-1983 COML.(38) 3531-2216 OU 3531.3190
hermeswerneck@yahoo.com.br

AVIZO AOS NOSSOS PAROCHIANOS - Já virou tradição em nossa paróquia uzarmos o último domingo do mês de abril, de tarde e de noite com o nosso tão esperado Bazar Beneficente. Será dia 29. Alertamos as presadas senhoras parochianas que estamos aceitando as doações só até o dia 28. É uma boa ocasião para se livrarem das coisa inútil que há na sua casa. Tragam seus maridos! Como sempre, vai ter muita música com os *Pintassilgos do Izaías* e a tão adivertida dança do curripio com o Reverendo Sidney Barone. Procurem as Sras. Rose, Luzia, Marildas ou Silvia, do Apostolado da Oração da nossa Paróquia do Ybathé.

O PODER DA ORAÇÃO E DA FÉ

WILSON CÂNDIDO CRUZ 59/64 (*)



“Vigiai porque não sabeis nem o dia nem a hora”¹ e orai.

Esses pedidos e essa negativa passaram a fazer parte de nosso cotidiano e a serem repetidos de uns tempos para cá em es cala crescente. A perda do sossego aumenta a cada novo acontecimento. Vive-se em pânico constante. A ordem é estar em estado de alerta nas vinte e quatro

horas do dia, na rua, no parque, na praia, ... saindo ou chegando em casa, na escola ou no local de trabalho. O medo de caminhar despreocupadamente e a qualquer hora pela rua aumenta a olhos vistos. Uma agorafobia² continua a encontrar mais e mais adeptos entre a população. Antes, essas intranqüilidades e temores só aconteciam, de um modo geral, nas capitais e grandes cidades, nas periferias, principalmente. Nos dias atuais, em quaisquer locais e ocasiões.

Há algum tempo, enquanto aguardava a mudança do semáforo, um colega de profissão foi obrigado a deixar o seu carro, por volta das 21h15min, nas mãos de dois jovens portando arma de fogo, na esquina de uma rua com uma avenida de grande movimento. Não conseguiram levar o veículo. Mas, antes de descer, fez sinal de que iria tirar o cinto de segurança. Pediram-lhe a *pochette* onde carregava a carteira e seus documentos pessoais. Inconscientemente, ao descer, percebeu que saíra com a chave na mão. Notando que eles entravam em seu carro, correu até a primeira travessa, a cinqüenta metros, à esquerda. É certo que teve sorte, porque essa atitude, meio precipitada, poderia ter assustado os assaltantes que, fatalmente, atirariam nele. Felizmente não o fizeram. Levaram-lhe, apenas, a carteira e os documentos, talão de cheque e cartão de crédito. O seu celular continuou no banco direito. Enquanto corria, implorava a proteção de Deus e de N. Sra. Aparecida.

O motorista, que estava no veículo de trás aguardando também o verde, assistira ao assalto. Fez a manobra e foi encontrar-se com a vítima e pediu-lhe que entrasse em sua picape, porque já estava em contato com a polícia pelo celular. Novamente correu risco, por não conhecer o motorista. Deram duas voltas no quarteirão para constatar-se havia alguém no local ou se o carro continuava parado. Como perceberam que tudo estava tranqüilo, foi-lhe sugerido descer e entrar na floricultura da esquina. Ainda muito ofegante, aceitou um copo d'água. Não esperou pela polícia. Meio trêmulo, entrou em seu carro e seguiu em frente, conforme a sugestão do proprietário da loja de flores.

Ao chegar a sua casa, imediatamente sustou seus cheques e cancelou seu cartão. Vinte minutos depois, uma alma bondosa telefonou-lhe. Saiu bem depressa e foi, com o seu filho mais velho, ao endereço que ela lhe passara. A pessoa havia achado a carteira. Só faltavam os trinta reais, a identidade, o cartão de pessoa física,

o do banco e o talão. Os demais, inclusive os documentos do carro, ficaram. Estavam só molhados pela chuva fina que caíra.

Em outra ocasião, uma amiga, professora, me contou que, na saída da escola, por volta de 12h, fora obrigada por dois rapazes a ocupar o assento de trás do carro de seu filho que acabava de chegar para buscá-la. Ficaram sem os documentos, celular, jóias, relógio que iam, aos poucos, sendo arrancados, enquanto faziam o caminho da tortura. Houve, certamente, aqueles instantes de comunhão com Deus e o pedido incessante de sua proteção e mantiveram a calma. Os jovens fizeram os seqüestrados descerem. Nada aconteceu, felizmente, com a mãe e o filho. O carro foi encontrado algum tempo depois. Estava, porém, sem o estepe e vários acessórios.

Outro colega de trabalho também foi levado, em seu próprio carro, por indivíduos mascarados. Pediram-lhe todo o dinheiro que carregava no bolso. Entregou-o a eles enquanto um mantinha a arma de fogo apontada para sua cabeça. Acharam que era pouco. Exigiram dele o restante do dinheiro que julgavam haver ainda no outro bolso.

– Não tenho mais - disse-lhes com a voz trêmula.

Achando que estivesse mentindo, insistiram mais uma vez. Nesse momento, o que segurava a arma ameaçou efetuar um disparo. Meu amigo, buscando mais coragem, colocou a mão no bolso esquerdo e disse, agora com firmeza na voz:

– Só tenho isto!

E mostrou-lhes um terço, isso mesmo, o terço que sempre carregava consigo. Imediatamente o assaltante baixou a arma, parou o carro e o fez descer. Não praticou o ato prometido. O desfecho seria fatal. O veículo foi encontrado no dia seguinte num terreno baldio.

Fato semelhante ocorreu há pouco tempo: chegando a sua casa, às 19h20min, uma vizinha acabara de estacionar o carro em frente a seu portão de entrada. De modo inesperado, foi abordada por um rapaz empunhando um revólver. Fez com que ela ocupasse o banco de trás. Nesse ínterim, chegaram outros dois que, ao observarem um senhor subindo a rua pela outra calçada, forçaram-no a também entrar no veículo, porque havia assistido ao ato de brutalidade. Era evangélico e portava um exemplar da Bíblia na mão direita. Estava a poucos metros de sua igreja. Saíram, então, em desabalada carreira, mas com certo cuidado para não atropelar alguém. A rua, apesar de estreita, tinha carros estacionados de ambos os lados. Além disso, algumas pessoas desembarcavam para entrar na igreja. No entanto, ao chegarem na avenida próxima, aconteceu um imprevisto: o que estava no volante quis passar antes de um ônibus, mas não conseguiria, haveria uma colisão, na certa. O motorista do coletivo foi obrigado a parar e assim, o veículo roubado seguiu em frente, rumo a uma vila da periferia. Para fugir daquela avenida tão movimentada, desviou pela direita e entrou na contramão

de direção por duas vezes. O que ocupava o banco da direita, furioso, esbravejou:

– Mais cuidado, mano! Como vamos entregar, agora, um carro já batido?

A seqüestrada ia muito quieta, procurando manter toda a tranqüilidade possível. Respondia só o que lhe perguntavam. O “irmão” também assumiu a mesma postura. Em seguida, nova indagação:

– Tem alarme ou dispositivo bloqueador de combustível, tia?

– Não, não tem - respondeu prontamente e com a calma que pedia a Deus.

Acharam que ela estivesse mentindo, mas não insistiram. O que estava do lado do motorista vasculhou a bolsa dela à procura de dinheiro. Não encontrando, pegou sua carteira com os documentos pessoais.

– O senhor poderia me devolver a bolsa que eu procuro o dinheiro, moço? - disse-lhe com certa firmeza.

– Sim, e pode ficar com a bolsa.

Só havia dez reais! Tendo achado muito pouco o dinheiro, tomou-lhe, a seguir, as duas alianças da mão esquerda: uma, de ouro e prata, das bodas, e outra, de brilhante, de estimação. Tirou-lhe também seu relógio do pulso. Não percebeu a corrente em seu pescoço.

Grande calma e muita tranqüilidade, realmente, haviam tomado conta dela. Eles estranharam:

– A tia está mais calma do que nós - afirmou um deles.

– É que eu estou orando - disse-lhe bem baixinho.

Claro que, por todo aquele tempo, ela mentalizava o Senhor Jesus Cristo, suplicando-lhe proteção e amparo.

Pediram também o dinheiro e o relógio do crente. Ele os entregou prontamente. Exigiram-lhe ainda o celular:

– Não tenho celular - retrucou sem encará-los.

Não acreditaram e insistiram no pedido, porque tinham visto uma pastinha em sua mão:

– O que o senhor carrega aí, então?

– Aqui só tenho a minha Bíblia - respondeu-lhes o refém, levantando o Livro Sagrado.

– Não colocamos a mão em Bíblia! respondeu com repulsa. Encolheram-se de imediato. Um deles bronqueou:

– Calem a boca, vocês já estão falando demais!

Tocando em frente, chegaram a uma baixada, antes de uma vila distante, e fizeram os seqüestrados descerem rapidamente e caminharem sem olhar para trás. Quase não havia claridade naquele terreno ermo, apesar de ser noite de lua cheia. Estes subiram até encontrar a avenida. Quase sem voz, explicaram o caso a uma senhora, dona de um bar que, compadecendo-se deles, ajudou-os com cinco reais, o suficiente para o ônibus de volta. O protestante foi para o seu culto religioso; a mulher desceu em frente ao Distrito Policial, para registrar a ocorrência e telefonar para o seu marido.

Já aguardando para ser atendida, à sua frente, havia uma senhora, grávida, que acabara de ter sua Parati roubada também quando chegava à sua casa, logo ali, numa rua paralela. “Que se vão os anéis!... Louvado seja Deus! Obrigado, Senhor, pela vida!”, repetia ela, bem baixinho, consigo mesma.

Recentemente, mais um amigo, também professor, foi vítima de seqüestro. Logo que saiu da escola, à noite, onde lecionava Matemática, após a sua última aula, foi abordado por rapazes. Morava a cinco minutos dali. Como não apareceu em sua casa, a esposa e os filhos ficaram desesperados e comunicaram, imediatamente, o ocorrido à polícia. Começou a grande busca.

Na manhã seguinte, encontraram o seu carro com todos os seus pertences. Ele, porém, não estava lá. Só à noite, o próprio filho, o mais novo, encontrou o corpo do pai num matagal. Tristeza profunda... “Por que, Senhor, com o meu marido?” “Tenha-o, Senhor, em sua Glória Eterna”, deveria ter repetido muitas vezes a pobre esposa.

E quanto a nós? Até quando, haveremos de suportar tanta insegurança? Mantenha-nos sempre protegidos, Senhor, mas que prevaleça a sua vontade! Obrigado pela vida!

1 - Mt. 25, 12-13

2 - Agorafobia, do gr. *Agora* (lugar público) + *phobos* (medo) = medo angustiante de ficar desacompanhado em lugares públicos.

(*) WILSON CÂNDIDO CRUZ, 62, é professor e ex-diretor de escola em S.Paulo-SP (11) 6216.9517 - wilsonc.cruz@uol.com.br

O SILÊNCIO DO POETA

PIPINUDO (*) 53/58

Há uma voz silente: a do poeta. Suas crônicas e poemas silenciaram e não mais embalam nossas emoções.

O esplendor do alvorecer não mais encanta. Desvanece o sopro da brisa suave e o sussurro do vento que traz de longe segredos indecifráveis.

As estrelas, lantejoulas do firmamento, não mais fascinam. Noite perdida, e a luz merencória do luar não desperta mais suspiros e ardentes paixões. Não há mais tempo para se contemplar a apoteose do crepúsculo. O murmúrio do regato, que desliza suavemente no seio da floresta, é um gemido solitário. O pequeno colibri, que freneticamente se equilibra no espaço para colher o néctar das flores, é um belo espetáculo sem ovação.

A obra da criação é um divino poema que só os grandes espíritos sabem ler e interpretar. Só o poeta com seu violão seresteiro é capaz de celebrar a beleza da vida, enchendo as madrugadas com os suaves acordes das mais lindas melodias. Só ele é capaz de substituir o homem cibernético, de voz metálica, pelo homem-coração que se emociona, chora e sorri.

Fala, poeta! Quebra teu silêncio! Desdobra tua alma e teu coração na melodia harmoniosa de teus versos.

(*) ALBERTO PIMENTA DE OLIVEIRA (Pipinudo), 69, - Advogado e professor universitário aposentado de Lingüística, Latim, Literatura Brasileira e Portuguesa. Residente em Presidente Venceslau-SP (18) 3271.2296 e 3271.1211 pimentaseniortprof@hotmail.com



UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA:

Em 25 de junho de 1940, a Mitra Arquidiocesana de São Paulo assinou escritura pública, lavrada em São Roque, nas notas do Primeiro Tabelião, pela aquisição que fazia, no valor de R\$50:000\$000 (Cincoenta contos de reis), de “*um sítio situado no bairro do Ibaté, município de São Roque, com a área de dezoito alqueires, mais ou menos, em terras de cultura, matas, capoeiras e pastos...*”, pagamento feito aos proprietários, Sr. Antonino Dias Bastos e sua esposa, D. Julieta Eugênia da Silva Bastos. Certamente, este teria sido o primeiro torrão, dentre vários, daquilo que, bem posteriormente, seria o Seminário de São Roque.

Este fato deu-se na época e por iniciativa de **Dom José Gaspar de Affonseca e Silva**, idealizador da colônia de férias para os vários clérigos de seu apostolado. No entanto, um infeliz acontecimento faria mudá-lo de opinião: ali também haveria de ser o local de férias para os levitas do Seminário de Pirapora.

Acontecera naquele educandário um grave acidente. Vários alunos passavam alguns dias de descanso na vetusta colônia em Itanhaém - sobrevivente ainda nos dias de hoje - acompanhados por seus superiores. Muitos deles sequer haviam visto o mar em suas vidas. E, naquela selvagem praia, todos os meninos eram rigidamente monitorados, porém, dois deles, muito travessos, fugiram ao controle e, imprudentemente, seguiram mar adentro. Não demorou muito para que fossem perigosamente arrastados pelas águas. Já distantes, “*gritavam: Socorro! Socorro!*” De porte avantajado, descendente de nobres, corado e altivo, uma figura heráldica”, um padre premonstratense “*caminhou mar adentro, como se caminhasse para receber as guirlandas da vitória*”. Vistia sua batina e não sabia nadar, mas decidido e contrariando as várias objeções, dizia que “*era preciso salvá-los; era seu dever*”. Um outro cônego, em largas braçadas, deu-se melhor e salvou um dos seminaristas e, em seguida, já exausto, conseguiu arrastar o segundo até a praia. Contudo, derrotado pelo oceano, lá “*ao longe, um corpo flutuava, ao sabor das águas, sob um bando de gaivotas*”.

Era o dia 25 de agosto de 1942, conforme narrativa do saudoso amigo piraporano **Antônio Ivo Pezzotti. Cônego Henrique Van Kasteren**, “*o sacerdote belga que deixara a sua pátria para educar, formar e salvar brasileiros*”, *requiescat in pace*. Sua trágica e irreparável perda é ferida aberta e permanente no peito de quem quer que esteja ligado ao Seminário de Pirapora.

Sabemos hoje que, mesmo com a eclesial promessa, os levitas de Pirapora nunca chegaram a pousar os pés no sagrado solo ibateano, para ali gozarem suas férias, motivo de abatimento.

Também tragicamente, faleceu Dom José Gaspar, em 27 de agosto de 1943, na juventude de seus 42 anos. Assumiu seu posto **Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta**, que viria, em 25 de março de 1949, inaugurar o imorredouro Seminário de São Roque, em substituição àquele que, com zelo e solicitude, há mais de 40 anos, se responsabilizara pela formação da grande maioria de operoso clero: o Seminário de Pirapora, pois, em suas palavras, “*circunstâncias várias, que lamentamos e aceitamos, já não permitem que esses dedicados educadores dos nossos seminaristas continuem a prestar à igreja paulopolitana o concurso eficiente de seus trabalhos*”.

Nesta edição, como lembrança e comemoração do 58º.ano de sua fundação, apresentamos dois textos em homenagem à memória deste pioneiro, D. José Gaspar, assim como a transcrição de matéria publicada em “O Democrata” de São Roque. **Antônio Carlos Correa**

O MINEIRO DE ARAXÁ

- AOS QUE SE INTERESSAREM EM SABER POR QUE IBATÉ É UMA LEMBRANÇA -
ASDRÚBAL ÂNGELO BARUFFALDI 49/53*



Em “O Sacrifício”, Dom Aquino Corrêa, o poeta-acadêmico, nos descrevera a Baía de Guanabara como um “templo” e a Escola Naval, como o “altar do holocausto”, onde se imolaria a “vítima”, Dom José Gaspar.

O avião que o levava ao Rio de Janeiro se chocara com a torre da Escola Naval, projetando-se no mar, de onde foi retirado morto, em 27 de agosto de 1943, o amado Arcebispo.

Embalsamado e envolto em violetas roxas, seu corpo foi trazido para São Paulo, constituindo-se o seu funeral em emocionante apoteose e, aos acordes da “marcha fúnebre” de Chopin, desde a igreja de Santa Efigênia até a cripta da Catedral da Sé, onde permanece em eterno descanso, ressalvado o esplendor da sua memória.

Impossível seria obter a dimensão do seu carisma sem

avaliar a intensidade da fé que ilimitou a sua grandeza.

Não foi apenas o gigantesco espetáculo do IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo, que o imortalizou: - tinha zelo pelos humildes, motivava as vocações sacerdotais, sagrava igrejas, socorria os necessitados e dava guarida aos seminaristas, propondo-se a criar-lhes uma “colônia de férias”, onde desfrutassem de um lazer sério e sóbrio.

Elegera o local: - Ibaté - um rincão de São Roque, próximo a São Paulo.

Fincou um edifício razoável entre as sinuosas encostas de um morro cercado de quaresmeiras multicoloridas, impregnou-o de virginal e silvestre aroma e deixou que as nuvens rebolessem voluptuosas enquanto buscassem o régio Saboó.

Mas... o gorjeio dos pássaros não detonara a vida pressentida pelo devoto Mineiro, de Araxá, cabendo ao seu sucessor, o mineiro de Bom Jesus do Amparo, logo

feito Cardeal Motta, por Pio XII, inovar o almejado sonho, declinando a vetusta e exemplar regra Premonstratense e transferindo os cuidados e o ensino dos seminaristas arquidiocesanos à regência do clero secular.

Havia saudades e reminiscências, à parte.

Restava, agora, confiar e esperar até que os bons fluidos sagramsem a nova gestão. E sagramem.

A vida evoluiu sob o calor humano.

A campesina solidão se converteu numa febril imanação de discípulos e mestres, da fé e do saber.

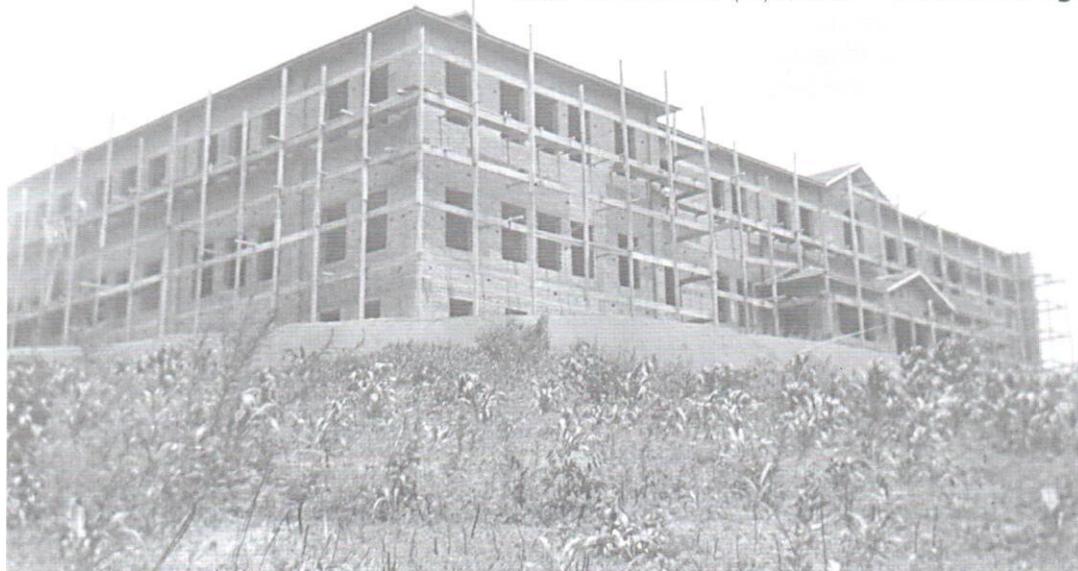
O silêncio estático deu lugar ao laser dinâmico e produtivo.

Surgiram estrelas que se sucederam sem fluxo e nem refluxos negativos de comportamento.

Estrelas cambalidas se ausentaram dessa constelação, deixando triste e fraca a sua luminosidade.

Mas... sobreviveu a alma de Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, em ronda permanente daqueles vales e montanhas, para nos convencer de que não é possível morrer enquanto durar a lembrança daquilo que é útil, divino e belo, assim como foi e é o Ibaté da nossa memória.

(*) **ASDRÚBAL ÂNGELO BARUFFALDI**, 74, que também foi aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é artista plástico, escritor e advogado. Mora em Ourinhos-SP (14) 3326.3847 - asdrubal.angelo@ig.com.br



D. JOSÉ GASPAR DE AFFONSECA E SILVA.

OLIVEIRA LEITE GONÇALVES - 49/54*

Trata-se do segundo Arcebispo de São Paulo. Não me ocorre com certeza se o mesmo era Mestre ou Doutor em Direito Canônico. Fora Professor do Seminário Maior em Vila Albertina e seu Reitor.

Ao lado de ser um sacerdote jovem e de profunda vida de oração, era pessoa dotada de rara beleza física, tanto assim que - narra uma professora do Seminário Preparatório por volta de 1947 - quando o mesmo entrava solenemente na Catedral, as mulheres suspendiam a respiração para admirarem o Arcebispo. Uma foto clássica de D. José, ajoelhado num genuflexório, o mostra em atitude de oração com a expressão de seu rosto como quem está profundamente concentrado e imerso no contacto com Deus.

Sua competência administrativa foi demonstrada ao Brasil religioso de então pela realização do Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo, cujo êxito repercutiu por muito tempo.

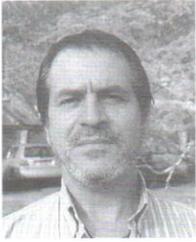
Mons. Paulo Florêncio da Silveira Camargo, um pesquisador apaixonado pela história da igreja de São Paulo, conta que quando faleceu D. Duarte, o Cabido Metropolitano de São Paulo tinha por função, de acordo com os cânones do Direito Canônico, nomear o Vigário Capitular que governaria interinamente a arquidiocese até que a Santa Sé designasse o novo titular. Narra Mons. Paulo Florêncio: "...ascenderam-se as vaidades dos senhores capitulares e, na clara luta para ver quem ocuparia a função, propositalmente deixaram de lado a figura de D. José Gaspar, à época Bispo Auxiliar de São Paulo". Além disso, era recente o episódio da Revolução de 1932, em que se deu um longo e doloroso embate entre paulistas e mineiros. D. José Gaspar era mineiro de Araxá. Foi nomeado Mons. José Maria Monteiro, até que o próprio D. José Gaspar fosse indicado como o novo arcebispo daquela arquidiocese.

Creio que o Instituto Histórico e Geográfico tenha a publicação das pesquisas de Mons. Paulo Florêncio.

A morte de D. José Gaspar, ocorreu por acidente de avião, quando se dirigia ao Rio de Janeiro com a finalidade de fazer um pronunciamento veemente contra o divórcio na Assembléia Legislativa. O fato consternou o Brasil todo. Anos mais tarde, quando **Mons. José de Castro Neri** quis levantar na imprensa o episódio do acidente que vitimou Dom José, buscando demonstrar que se tratou de um fato cuidadosamente programado, recebeu várias ligações telefônicas que lhe diziam para que desistisse do fato, pois sua vida também correria risco.

(*) **OLIVEIRA LEITE GONÇALVES**, 70, é advogado e tradutor público em Goiânia-GO

→ Leia na próxima página a transcrição de uma matéria sobre a inauguração oficial do Seminário. →



SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE - 25.03.1949 – 25.03.2007 - 58 ANOS

Transcrição de matéria publicada em O DEMOCRATA - S.Roque , nas vésperas da inauguração do Seminário.
Pesquisa e colaboração do colega EDUARDO ANTÔNIO SANTIAGO - Manga (71/73) manganews@ig.com.br

INAUGURAÇÃO DO SEMINÁRIO MENOR METROPOLITANO EM SÃO ROQUE

FREI PAULO MARIA, C.D.

O certo é que a cidade de São Roque ainda não acordou para o entusiasmo, engrandecida e beneficiada com uma incomparável mercê de Deus, que a muitos talvez ainda esteja oculta ou displicentemente conhecida: a transferência do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, da cidade de Pirapora para esta cidade, no bairro do Ibaté.

Aquela casa esplêndida e monumental que o inesquecível D.José Gaspar começou a construir para os seminaristas passarem as férias, S. Emcia. o Sr. Cardeal Motta acaba de transformar em Seminário Menor da Arquidiocese. E a construção continua afim de dar em breve lugar para todos os Seminaristas de Metrópole paulopolitana. Ora, este fato constitui um dom de inestimável valor para São Roque. São Roque ficou enriquecida moral e materialmente com este presente que lhe caiu do céu. Moralmente sobretudo. São Roque cresceu incomparavelmente merecendo a honra de ser a sede do mais importante instituto de ensino e de formação. Pois é fora de dúvida que o Seminário, destinando-se por sua natureza à formação dos futuros Sacerdotes da Igreja Católica, é por este fato o mais importante instituto nos meios educacionais. Assim como um Sacerdote ultrapassa a todos os homens pela sua altíssima dignidade que o torna outro Cristo na terra, do mesmo modo o Seminário que educa e forma o Sacerdote se sobrepõe a todos os institutos educacionais da terra. Não admira pois que São Roque hoje esteja cento por cento conhecido e pronunciado no Arcebispado, no Brasil e até em Roma, centro da cristandade.

Mas a glória de São Roque não está de se tornar mais conhecido, senão de ser a sede do Seminário do Imaculado Coração de Maria, que com ser a Rainha dos Sacerdotes, a Rainha do clero e especialmente a Mãe e Patrona deste seminário Menor, por isto mesmo Ela está mais perto de nós e olha-nos com mais amor.

Podemos afirmar que São Roque é especialmente amada de N. Senhora, uma vez que lhe concedeu o que possui de mais caro ao seu Coração: o seu Seminário Menor.

Com a dádiva do Seminário gozamos as bênçãos do nosso Eminentíssimo Sr. Cardeal Arcebispo, as do Exmo. Sr. Bispo Aux. D. Antônio Maria, a quem foi confiado o Seminário. Gozamos também das bênçãos e da amizade dos Revmos. Padres professores do Seminário, os quais todos os dias celebrando o S. Sacrifício da Missa em nossa paróquia nos tornam o céu cada vez mais propício e Deus mais misericordioso. Pois bem, é para agradecermos ao Sr. Cardeal todos estes benefícios, é que nós vamos aclamá-lo fervorosamente no dia 25 deste, quando de sua passagem aqui para o Seminário que oficialmente será inaugurado naquele dia.

Viva S. Eminência o Sr. Cardeal!!!

CASO EDIFICANTE

SAIA JUSTA

JOSE LUI - Caipira (49/56)*



Dois advogados subitamente se encontraram no estacionamento de um motel. Ambos, impassíveis, repararam, por acaso, que cada um acompanha a mulher do outro.

Após poucos instantes de vigilante silêncio, um diz ao outro em solene e respeitoso tom:

- Creio que o nobre colega haverá de concordar comigo que o melhor e mais adequado remédio para semelhante banzé-de-cuia seria que minha mulher voltasse... voltasse agora em minha companhia, em meu automóvel, e que sua excelentíssima senhora... voltasse com Vossa Senhoria, também em seu próprio automóvel.

- Muito sábias as suas orientações! Não há dúvidas quanto a isso, meu bravo e ínclito colega! Haja vista a perfeição de seu raciocínio, o mais absolutamente correto e indicado. Também é evidente que suas congruentes colocações despontam das circunstâncias atuais - lamentavelmente efêmeras, diga-se de passagem - e do alcance obtido pelas informações de que, por ora, dispõe. É claaaaro! Mas, no entanto e infelizmente, sua excelência digníssima há de convir comigo - e sem assombro - que se trata de solução - *data venia* - no total arrepio da própria justiça! Para bem melhor compreendê-lo, é bastante, pois, que não abra mão de levar em consideração um fato excepcionalmente muito simples, magnífico doutor. A saber, ambos os senhores, que aqui se encontram,... satisfeitos, já estão de partida e nós... nós estamos apenas chegaaaaando... Até breve e passar bem!

(*) JOSÉ LUI, 70, filósofo. teólogo e pé-de-valsas, administra o Cemitério Gethsêmani-Anhangüera em S.Paulo-SP. Tel (11) 3284.3316 - roselui@picture.com.br

O JANTAR DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA

Não perca seu tempo andando por aí, desnorteado e sem saber o que fazer, ou ainda, hipnotizando-se com um computador ou um aparelho de TV, novelas, bbb's e tantos comerciais de carros, bebidas, bancos ou lojas de móveis, sem parar. Bobaaagem! Mude já a sua vida para melhor e tome jeito! Principalmente quando for a primeira sexta-feira do mês. Oras bolas! Vá direto ao *Angélica Grill*; lá é o seu lugar. E estamos conversados! É o local e a hora (a partir das 19:00) onde se reúne, com muita alegria, todo o pessoal da Turma do Ibaté. Jamais que nessa vida você perderá uma chance dessas, meu amigo! Sai dessa! São pessoas de sua meninice, de sua juventude, todos já bem crescidinhos e, por isso mesmo, uma ótima oportunidade para você dar umas boas gargalhadas, sentir-se leve e solto, com a certeza de que não deve nada a ninguém e que já resolveu uma tonelada de problemas de sua existência, com grandeza. Para isso, não é necessário qualquer documento, basta dizer que também faz parte da *Turma do Ibaté*® Isto diz tudo. Leve seus amigos e familiares; eles também vão se divertir. E você se verá muito bem acolhido, baterá papo com um monte de pessoas inteligentes e gentis. Conhecerá, também, um mundaréu de gente que rapidamente serão seus grandes amigos. Esteja certo que sua roda de amigos leais vai crescer e você ficará muito orgulhoso de si mesmo. Sem contar que isso cura uma grande diversidade de moléstias, sim, moléstias; você deixará de ficar exposto a elas. Já pensou nisso? Vamos nessa; não desperdice suas energias. E fique atento ao que lhe dizemos, antes que seja tarde... pois, falando bem a verdade, nunca é tarde demais para ser feliz!

*Restaurante Angélica Grill - o ponto de encontro da Turma do Ibaté - Av. Angélica, 430 São Paulo-SP.
A estação de metrô Marechal Deodoro fica a uns 200 metros. A casa oferece estacionamento gratuito. Quer mais?*

ENQUANTO ISSO, NO MEU JARDIM. . .

o que um passarinho não veio pra lhe contar...

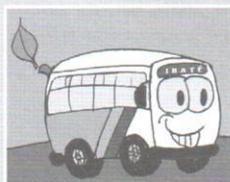
*Tudo bem com o meu jardim suspenso.
Pssaros cantam e brincam alegremente com flores
Vendotborboletas passarem.
Tudo bem, porÊm. . .
Meu silêncio É mais forte que minha ira.
E minha ira n,,otme trai quando vltborboletas curiosas passeandotpor sua mira.
E em minha ira mora um bem-te-vi selvagem
Que mira flores perdidas entre pica-paus.
N,,o se brinca com pardais feridostcom otveneno da ira, pombas! Todo beija-flor sabe otsegredo que o
s bio sabi j sabia. . .
O Jo,,otÈ de barro e a casa de vidro.t
Seu longo bicotfere borboletas distraïdastque fingent ter nËctartparatdoar.
E nem setdistrai com flores que olham, pretensiosas, suas prÛprias pËtalas...
Pensandotque s,,o asastem p ra-quedas, preparadas para voar.t
Saltam a esmo e rodopiam no ar despetalando-se ao sabor dos ventos.t
Algumas pousam em cachoeiras onde deslizam abismo abaixo.
Outras pegam, juntas, qualquer brisa que passa e tecem no ar um tapete voador.
Acreditam que em solo firme, um dia, forrar,,o a passagem para um grande amor.*

Autoria: GIBRAN, em monólogo solto com o PARDAL, Pablo Ramos d'Alltamira, em cujo peito mora um bem-te-vi indomável treinado no tomdivida@msn.com

Heterônimo surreal de Tomaz Toledo para efeito estético-terapêutico. SP. 29-09-06

TOMAZ DE AQUINO TOLEDO – Tom (59/62), 61, é professor de filosofia e de alemão em São Paulo-SP. (11) 3223.2984 - tomdivida@msn.com

Vamos de ônibus para o Ibaté??? - Dia 25 de agosto está chegando! Que tal viajar para São Roque em



ônibus fretado especialmente para isso? Não lhe será necessário dirigir o automóvel; ficará livre destas preocupações. A previsão é de que isso fique na base de R\$ 15,00 por passageiro. A saída será de São Paulo. Você vai e volta, tranquilo e em segurança; leva quantos familiares quiser... n-u-m-a-b-o-a! E terá mais comodidade, podendo garantir sua presença nesse imperdível encontro. Se o caro ibateano estiver interessado ou gostou dessa idéia, entre em contato conosco, por carta ou por e-mail. Aguardamos desde já a manifestação de seu interesse para que seja organizada mais esta aventura em sua vida.

O ACRÓSTICO DO INDOLETI

Éramos felizes, mas até então ninguém sabia.
Cada um de nós, uma pequena semente.
Hoje, cada um sabe que foi bem cuidado dia a dia.
Uma a uma ali germinava; alguma, até doente.
Sem os cuidados daquelas mãos, ninguém vingaria.

Diante de tanto carinho e amor ardente,
Onde é que essa semente, senão ali, forte ficaria?

Indolentes, nós diríamos, haja coração valente.
Batendo, safenado ou não, como o de nosso bispo Zé Maria,
Agüentando e não demonstrando o que hoje sente.
Talvez ninguém dissesse que até agüentaria.
Esse alguém seria, somente se tivesse sido aluno
do Seminário Imaculado Coração de Maria.

Indoleti Dias (51/54)

Paróquia das Trovas



**Xingar, sempre, a escuridão,
Sem acender tua luz,
É sinal de alienação,
A nenhum lugar conduz.**

ALFREDO BARBIERI - 49/53

Menção honrosa no Concurso de Trovas da
União Brasileira de Trovadores - UBT - Pedralva,
em Fevereiro de 2007, Campos dos Goytacazes-RJ

ENVIE-NOS VOCÊ TAMBÉM A SUA TROVA

MARIA, MARIA

KIRO (*)

Maria, que eu quero
junto na vida
levada unida
toda em meu ser...

Maria, que eu amo
p'ra anos tantos
de teus encantos
privai enfim!

Maria, que eu espero
em ardência louca
que acho pouca
a teu bem querer...

Maria, que eu chamo
nos meus anseios,
p'ra teus enleios
ter junto a mim...

Maria, que eu adoro
e por quem sonho
meu mais risonho
dos bens dos céus...

És por quem choro
qualquer ausência,
quando a premência
me obriga o adeus

Maria, que eu quero,
Maria, que eu amo,
Maria, que eu espero,
Maria, que eu chamo,
Maria, que eu adoro,
És por quem choro!
Fica comigo
Sem mais adeus!

(*) **ANTÔNIO JURANDYR AMADI - KIRO**, 69, também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor do grego e do latim. Mora em Itupeva-SP. Tel. (11) 4592.1177

NA CASA DO PAI

Informamos com pesar o falecimento de:

• **JORGE KIYEI TOYAMA** - colega ibateano de 1967 a 1971, aos 52 anos, ocorrido por latrocínio em Campinas-SP em 30.12.2006. Era irmão de outros dois colegas nossos, **João Tetsuo Toyama** (69/71), também falecido da mesma forma, mas em outra época, e de **José Antônio Takeo Toyama** (66/67), este, graças a Deus muito bem de saúde. Era empresário na área de hotelaria. Deixa esposa e quatro filhos de 21, 19, 17 e 13 anos de idade. [19-3232.2515 - vhs_toyama@hotmail.com - o filho, Vitor Hugo Toyama]

Aos familiares, as condolências e as orações de todos os amigos e ex-alunos do antigo Seminário Menor de São Roque.

Fluxo Financeiro - Posição até 28/03/2007

POSIÇÃO EM 31.12.20078.262,56

ENTRADAS

Contribuições e doações2.147,40
Juros.....130,01
TOTAL ENTRADAS.....2.277,41

SAÍDAS

Postagem Echus 089892,45
Impressão Echus 089950,00
Diagramação Echus 089.....60,00
Kalunga nf 444412- envelopes.....51,46
Renovação Caixa Postal.....48,00
Despesas Bancárias.....44,34

TOTAL SAÍDAS.....2.046,25

SALDO ATUAL 28.03.2007.....8.493,72

Tesoureiros: Carlos D.Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

PHOTANTIQUA



Meninos e suas catequistas, da Paróquia de Santa Cruz de Itaberaba, num domingo 08 de março de 1962, no Cruzeiro da entrada do Seminário de São Roque.

1. Álvaro Bernardo de Medeiros (cedente da foto)
2. Pedro Aníbal Drago
3. José Roberto Rodrigues
4. Willian Paulo Câmara
5. Jaime Bernardo Freire
6. Antônio Ernesto de Oliveira (Saravá)
7. Manuel Correia
8. Antônio Galvão Rosa
9. Manoel Alfredo Brandão de Souza (Mané Remendado)

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas, no período de 01.01 a 28.03.2007, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Jr., Alfredo Barbieri, Antônio de Lima, Antônio José de Almeida, Asdrúbal Ângelo Baruffaldi, Augusto José Chiavegato, Pe. Aurélio Vieira de Moraes, Carlos Alberto Squinello, Dionísio Leite da Costa, José Écio Pereira da Costa Jr., José Fernandes da Silva, Luiz de Almeida Lopes Filho, Mário Renato Raso, Mauri Gabrielli, Roberto Lui, Roberto Olímpio de Abreu, Rocco Antônio Evangelista, Rubens Heitzmann, Valter Cruz, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca.

Pára-choque do Caminhão do Ibaté:



Minhoca esperta só atravessa galinheiro à noite.

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação bimestral dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Minor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira, Alfredo Barbieri, Álvaro Bernardo de Medeiros, Antônio Carlos Correa, Antônio Jurandy Amadi, Asdrúbal Ângelo Baruffaldi, Atílio Brunacci, Augusto José Chiavegato, Eduardo Antônio Santiago, Hermes Pimenta Werneck Machado, Indoleti Dias, José Francisco Godinho, José Lui, José Moreira de Souza, José Pedro de Camargo Rodrigues de Souza, Oliveira Leite Gonçalves, Tomaz de Aquino Toledo e Wilson Cândido Cruz.

Contribuições - O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio de duas contas bancárias, a escolher: 1) **BRADESCO** - Ag. 95-7 (Nova Central) - c/c no. 226990-2 e 2) **BANCO DO BRASIL** - Ag. 3055-4 (Boulevard S. João) c/c 12.158-4. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Pereira da Silva.

Artigos, colaborações, fotografias antigas, contatos e correspondências: enviar para *ECHUS DO IBATÉ*, Cx. Postal 71.509 - Cep 05020-970 - S. Paulo-SP (Obs. As fotos originais recebidas, logo após nossa digitalização, serão infalivelmente devolvidas ao remetente, pelo correio).

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: E-MAIL: echus@zipmail.com.br ou ibate@seminariodesaoroque.com

SITE: <http://www.seminariodesaoroque.com>

Tiragem: 1.000 exemplares

Diagramação: Marcelo Silva Calixto (11) 6162.3640 (calixtomarcelo@hotmail.com)

Impressão: Renangraf (11) 3932.8171



MENSAGENS RECEBIDAS



*Son tus cartas mi esperanza, mis temores y alegrías y aunque sean tonterías, escíbeme, escíbeme.
Tu silencio me acongoja, me preocupa y predispone, y aunque sea con borrones, escíbeme, escíbeme.
Me hacen más falta tus cartas, que la misma vida mía, lo mejor morir sería, si algún día me olvidaras.*

Cuando llegan a mis manos, su lectura me conmueve, y aunque sean malas nuevas, escíbeme, escíbeme. (Guillermo Castillo)

AURORA DOMINGAS DOS SANTOS, IRMÃ - Oriente-SP - Querido Antônio Simões, estou enviando esta cartinha para agradecer a você e a todos da equipe e a todos os familiares pelo jornalzinho. Obrigado a todos. Sempre rezo por todos. Que sejam sempre felizes e realizados em seus ideais, pois temos todos que cumprir nossa missão, seja ela qual for, do dia a dia da caminhada da vida, nunca nos esquecendo daqueles que nos amam, Jesus e Maria, nossos maiores amigos, que estão sempre ao nosso lado. Antônio, eu agora estou morando na Alta Paulista, em Oriente, perto de Marília. Você recebeu a lembrança de meu Jubileu de Ouro, um Bom Pastor, que lhe enviei em 2002? Termina aqui com um abraço amigo e com carinho de quem os estima e quer bem.

Echus responde: Querida Irmã Aurora Domingas, recebemos, sim, a sua lembrança e queremos todos nós, ex-alunos do Seminário de São Roque, expressar nossa eterna gratidão e dizer-lhe que nunca nos esqueceremos da atenção e do cuidado por tantos anos dedicados a nós, pela senhora e por todas as irmãs da Congregação de Jesus Crucificado. Esse amor que recebemos estará para sempre gravado em nossas mentes e em nossos corações. Desejamos-lhe muita saúde, harmonia e vida longa e que nunca se esqueça de nosso eterno carinho e reconhecimento.

DARCY CORAZZA (Pirapora 47/48 e S.Roque 49/52) São Paulo-SP - Parabéns ao Cláudio José Fondello pelo artigo "CONSTANTINO, FIGURA CONTROVERSA" do Echus 089. A meu ver, foi o melhor, o mais elucidativo, afetivo e respeitoso, até hoje escrito neste informativo sobre o Padre Constantino.

GETULINO DO ESPÍRITO SANTO MACIEL - 57/60 - Lorena-SP - O colega enviou-nos a seguinte poesia de Réveillon:

ANO NOVO 2006 / 2007

Vou desfazer e esvaziar
minhas malas, mochilas e bolsas.
Descartar de vez
camisas amarrotadas
(mágoas guardadas),
calças poídas
(quase curadas feridas)
sapatos rotos
(inexplicáveis desgostos).

meias furadas
(dores caladas),
batons usados
(sorrisos pesados),
lenços molhados
(prantos sozinho derramados),
flores murchas e amareladas
(lembranças amadas).

Assim, como tudo vazio,
recaminhar nas alegrias,
dançar caminhando,
cantar dançando.
E, de joelhos, orando,
agradecer a vida
de graça concedida
pelo Deus que me ama
sem qualquer medida... Amém.

- 31.12.2006 -

GERALDO DA SILVA MELO - 57/58 - Goiânia-GO (62)3246.2339 - Caros Editores do ECHUS, revirando pastas antigas em meu escritório, deparei-me com algumas fotos dos tempos vividos no querido Seminário do Ibaté. Quanta saudade daqueles tempos... Encaminho, então, a vocês duas fotos em que se vê, na primeira, a turma da 6ª série, entre eles eu (Geraldo Melo, o Goiano-57/58) e demais colegas, ali reconhecendo Wilson Bertoletti, Algirdo (o Bicho-Bicho), José Wolf, Pedro Campregher, Fabiano, Josel Barbieri, Mauro, Clóvis Baroni, Dito Jorge, Alberto Pimenta (o Pipinudo) e outros cujos nomes não me lembro mais. Na segunda foto mostra-se um flagrante da escalada do SABOÓ, capitaneada pelo Pe.Constantino. Ali se vê além da minha pessoa, Clovis Baroni, Mauro, Pedro, etc....Que subida dura era aquela! Ao receber regularmente o jornalzinho, informativo dos ex-alunos, revivo cada momento passado no Seminário e vejo que ali passei os melhores anos de minha juventude. Hoje, já ultrapassando os umbrais de meus sessenta e sete anos, olho para trás e vejo que a estrada percorrida foi muito longa, pois ao deixar o Seminário de Aparecida (lá cursei o 1º ano de Filosofia), transferi-me para Goiânia, onde passei a dar aulas de latim, tendo cursado letras e direito. Uma vez formado exerci, por concurso, os cargos de Delegado de Polícia e, posteriormente, o de Magistrado, em que me aposentei em 1990. De lá para cá tenho exercido as funções de Assessor Jurídico do Tribunal de Justiça de Goiás. Ainda não participei de nenhum encontro da turma do Ibaté, mas neste ano, estou imbuído do propósito de comparecer ao encontro de agosto/07, que para mim será inesquecível por ter a oportunidade de rever velhos colegas daqueles bons tempos. Por final quero incentivar a continuidade desse elo, que é o ECHUS DO IBATÉ, porque só assim ainda poderemos reviver um passado que marcou nossas vidas para sempre. Voltando nas páginas do tempo ainda ouço o cantarolar do Clóvis Baroni que, na apresentação de uma rancheira, tinha o seguinte refrão:

... E a folha do coqueiro
Não balança mais, ai...ai!

Para mim é como se dissesse: aqueles bons tempos nunca mais voltarão... ai... ai... quanta saudade! Até agosto se Deus quiser.

Echus responde: Agradecemos sua amável colaboração tanto pela correspondência, alma deste informativo, como pelo envio de suas preciosas fotografias. Sua intenção de presença em nosso próximo encontro por certo haverá de atrair e incentivar não apenas aqueles que moram a consideráveis distâncias de S.Roque, como você, mas também muitos outros colegas cujos corações latejam nessa mesma frequência, como tantos os há. Brevemente publicaremos a segunda destas fotos, porém, a primeira já se publicou em nossa 46ª. edição, de setembro de 2000, como colaboração do hipnótico colega **Sebastião Destéfani Reghin**, um dos retratados. Na edição seguinte, 47ª., o caro ibateano poderá verificar a nomeação de todos os 25 alunos nela estampados.

RUBENS HEITZMANN (Pirapora 44/48) - São Paulo-SP - Caríssimos, embora tenha sido ex-aluno do Seminário Menor do Bom Jesus de Pirapora, recebo com a mais grata satisfação os periódicos, "Informativo dos Ex-alunos do Seminário do Ibaté", que trazem notícias, tanto daquela vetusta casa de formação sacerdotal, quanto do Seminário de São Roque. Porque assim é, quero também levar-lhes a minha colaboração para que, juntamente, com outras, torne sempre possível a impressão do noticiário, ajudando a "matar" as saudades daqueles tempos. O meu período de frequência mediou entre 1944 e 1948. Acabei de conhecer, em um determinado momento, o Luiz Roberto Soares (Araçá), ex-aluno de São Roque, hoje corretor, em renomada imobiliária, com quem tenho, embora há algum tempo não nos avistamos, sincera amizade e nos deu grande alegria quando falamos do Pe.Kulay (perdoe-me se já era Monsenhor), pois, na Igreja de Santa Generosa, onde é Pároco, ainda hoje, o Cônego José Mayer Paine, ajudei, como coroinha, muitas das missas por ele celebradas. O Soares foi a pessoa que me levou a conhecer o Antonio Corrêa, pessoa que cheguei a visitar, em uma ocasião, em sua residência. Quero aproveitar para informar que no jornal nº 85, em um artigo do saudoso Antônio Ivo Pezzotti, de quem fui colega, há uma foto de um time, em que ele era o goleiro, um aluno não identificado que, todavia, parece que consigo identificar, tratando-se do Paulo Rubens de Sylos. Mas, não querendo me estender mais, informo que devo ter algumas fotos dos tempos de seminário, e assim que as tiver em mãos, enviarei como contribuição ao jornal. (11) 5547.9354.

Echus responde: Todos agradecemos sua colaboração financeira e complementação dos dados daquela antiga fotografia, mas o maior prazer que poderia nos proporcionar seria podermos contar com sua presença em nossos encontros e de também recebermos de sua parte os tantos "causos" que encerram suas experiências naquela "vetusta casa de formação sacerdotal".

SEMINÁRIO – REPOSITÓRIO DE CULTURA

RENATO BARBIERI (*)

*"Com anseios na luta renhida
As coortes saúdam os bravos ..."*

Ao som de dezenas de vozes uníssonas, firmes e fortes, o hino do GRÊMIO LITERÁRIO SANTO HERMAN JOSÉ atravessa os corredores e salas do velho seminário.

O sonho do menino se tornou realidade: "Já sou gremista. Já posso compartilhar com os *maiores* das pejejas gramaticais, das tertúlias literárias. Já me é concedido sorver na fonte o brilho dos grandes escritores" "*Le style c'est l'homme*" mandou dizer a todos, um grande francês. Mas, aqui nesta sala de reuniões do Grêmio, o estilo sou eu, desde que conforme as normas da Santa Madre Igreja.

Para onde vão meus pendores? Será que devo me realizar na descrição, no discurso, na poesia, ou então o meu futuro será igualar Bernardes, quem sabe um Vieira, talvez um Mont'Alverne ... *et caterva?*

E discutimos de tudo, com todos, sobre tudo! Já falávamos até das modernas conquistas da tecnologia moderna, desde a fissão do átomo até as proibidas elocubrações darvinistas.

Daquela plêiade de cultores das letras, nasceram os oradores que ornaram os púlpitos hoje vazios de nossos templos, os juizes de nossos tribunais, os professores de nossos filhos, os jornalistas de nossos ideais liberais.

Ah! Como nos invejavam os meninos imberbes do CÍRCULO JUVENIL MENINO JESUS! Nos seus devaneios infantis sonhavam eles, como nós um dia o sonháramos, o momento glorioso de ingressar nas fileiras do Grêmio. Dos sonetos decorados, escondidos e repisados, se galgavam os degraus que nos conduziam à fama, à glória e ao esplendor dos inesquecíveis momentos das reuniões do Grêmio.

E que dizer de nossos patronos? (Meu Deus do Céu, como esses cônegos conheciam tão bem as academias européias). O meu foi Gonçalves Dias, o seu, se bem me lembro era o Pe. Antônio Vieira. Os grandes vultos históricos de nossa literatura permearam nossas esperanças, acenando-nos com a conquista da vida através da palavra.

Talvez, ainda se encontre nesses cantos abandonados, alguma pauta redigida em tinta roxa de jambolão, onde os pósteros poderão ler nossos esboços literários, cujo valor ninguém jamais poderá avaliar ...

RENATO BARBIERI, 76, Ex-aluno do Seminário de Pirapora, de 1943 a 1948. É advogado e mora em São Paulo - (11) 3872.3730 – r.barbi@terra.com.br

FONTE: Correio da Memória - 04.07.1987 -Edição única comemorativa

Meu amigo, não passe reto; pare, olhe e contemple a beleza esplendorosa do Coração de Maria!

Immaculatum Cor Mariae

Coração Sagrado de Maria, doce protetor desta casa bendita, onde se formam ministros de Deus.

Sente-se, amigo leitor, leia tranqüilo estas linhas e reflita na imensidade ciclópica, na beleza divina, no amor celeste do Coração de Maria, digno orago deste Seminário e glorioso protetor do nosso Grêmio Literário.

Immaculatum Cor Mariae

JosÉ Moreira de Souza
Redator

Transcrição de trecho extraído de um exemplar do *ECOS DA TRIBUNA* de 1956

Original cedido pelo colega ibateano JosÉ Francisco Godinho (55/59)

UM ANFITRIÃO MUITO JUSTO

JOSÉ MOREIRA DE SOUZA 55/59 (*)



Fevereiro de 1955. Estação Sorocabana, 14 horas.

Os mineiros do Norte, de guarda-pó, recém desembarcados na Estação da Luz, após repetidas baldeações, contemplam a amplitude do galpão ferroviário. O salão se movimenta. Padres tornam-se a referência de a quem devemos nos dirigir. Pais beijam efusivamente os filhos, fixando o momento de despedida. Hábitos desconhecidos.

Uma composição elétrica aproxima-se da plataforma. É hora de embarcar. Um vagão inteiro se enche de seminaristas e padres. A locomotiva anuncia o momento de arrancada. Parte. Postes rodopiam, aproximam-se e desaparecem.

O trem - que trem! - perde velocidade, chia, pára.

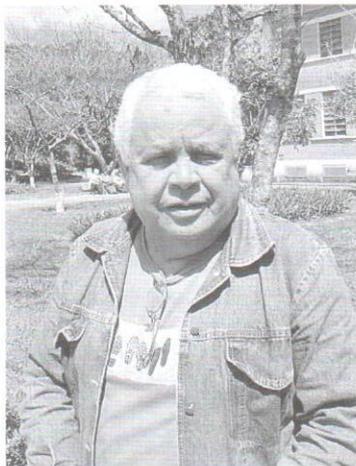
São Roque.

Estação e cemitério formam a paisagem da Acrópole. Além, invisível, esconde-se a Acrópole do Ibaté.

Na praça, um caminhão, um padre e um Luizão comandam a acomodação das malas da mudança sazonal. Um ônibus da Viação Nossa Senhora da Penha aguarda contíguo o embarque. Parte, desce, serpenteia, levanta poeira, - guarda-pó é para isso -, bufa, deixa a estrada e pára no pátio interno.

O sineiro apressa badaladas, no alto-falante, dobrados e marchas anunciam o despertar do monumento adormecido. Veteranos assumem funções angelicais para iniciar os novatos na ordem da Casa do Imaculado Coração.

Um levita escapou dessa peripécia. Não embarcou na estação Júlio Prestes, não chorou na despedida.



Manhã seguinte. Cinco e meia. Novamente o sineiro, sextoanista de nome Gaspar, cumpre sua nova função. A pálida luz vermelha do centro do dormitório se apaga. Três minutos, todas as lâmpadas se acendem. O milagroso Paulo Sebastião iluminou a sala do dormitório. Higiene, rostos lavados, ginástica. Capela. Meditação, missa.

O silêncio das orações é interrompido pelas explosões ritmadas de um veículo. Rigorosamente, a cena se repetirá. Alma alimentada, anuncia-se o alimento do corpo, celebrando o segundo *sacrum convivium*.

Desvenda-se o enigma. O levita que não chorou a partida é o dono do pão, o padeiro - *boulangier*, como o queria o padre Rui. Com poeira ou muita lama, no horário, ou pressionado pelos deslizos do barro nas curvas em declive, o pão se servia à mesa e nós saudávamos efusivos nosso anfitrião, padeiro Justo, ou o Justo padeiro.

Mês de julho. Férias de quinze dias. Todos partem pela Sorocabana. Permanecem os mineiros do Norte e o sempre Justo. Podemos conhecer São Roque, Araçariguama, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, pescar no Tietê, Salto (de Itu), Itu, Sorocaba, Mairinque e Mailaski, Marmeleiro, sempre ciceroneados pelo nosso anfitrião.

Bem no centro, próximo ao Cine São José - o nome é casual? - saboreamos o café acompanhado de pães variados.

Em 1993, primeiro encontro dos ex-alunos do Ibaté. Eis novamente o Justo, com sua alegre família, todo risos, dando-nos as boas vindas. A alegria se repete em 1995, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005. Quem distribui o pão pode viver a generosidade da alegria e incorporá-la nos registros do remetente do *Echus*, na arte dos cartões de Natal e também da Saudade.

Salve o amigo Justo!!!

(*) JOSÉ MOREIRA DE SOUZA, 65, sociólogo e professor da UFMG, pesquisador da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e coordenador de pesquisa e pós-graduação do Centro Universitário Newton Paiva de Belo Horizonte. (31) 3448-9593 - josemoreira@superig.com.br